

TRABALHOS ORIGINAIS

SÔBRE 40 GÊNEROS DAS ACANTHACEAE BRASILEIRAS

por

CARLOS TOLEDO RIZZINI

Chefe da S.B.A.

Levando em consideração as recentes vicissitudes por que tem passado esta difícil família natural, resolvi publicar o que se acha assentado a respeito de 40 gêneros bem conhecidos, fazendo especial menção de 173 espécies.

Antes convém organizar, em chave artificial, os nossos gêneros, à qual seguem observações sôbre seu emprêgo; ilustrações de ornamentações da exina dos grãos de pólen em (20, 21, 40 e 45), de fatos morfológicos significativos em (45), onde são referidos a uma chave pouco diferente da presente. Depois, classificação dos polens atualizada.

1 — Estames 5	<i>Pentstemonacanthus</i> Nees
Não	2
2 — Estames 4	3
Não	26
3 — Tôdas as anteras ditecas	11
Não	4
4 — Tôdas as anteras unitecas	8
Não	5
5 — As duas sépalas exteriores muito mais largas do que as interiores, uma daquelas profundamente bifida	<i>Lophostachys</i> Pohl
Não	6
6 — Corola não bilabiada	<i>Chamaeranthemum</i> Nees
Não	7
7 — Estigma indiviso	<i>Acanthura</i> Lindau
Não (pólen com mínimos acúleos)	<i>Herpetacanthus</i> Nees
8 — Anteras sésseis cu filêtes menores do que a metade das anteras	<i>Stenandrium</i> Nees
Não	9

9 — Lobo anterior do estigma mais largo e enrolado; mais de 4 óvulos em todo o ovário	<i>Spirotigma</i> Nees
Não	10
10 — Brácteas menores do que os botões florais, frouxamente imbricadas; corola não bilabiada	<i>Geissomeria</i> Lindl.
Não	59
11 — Algumas tecas, ou tôdas, calcaradas ...	12
Não	14
12 — Mais de 4 óvulos em todo o ovário	<i>Hygrophila</i> R. Br.
Não	13
13 — Anteras pilosas; plantas trepadeiras ...	<i>Thunbergia</i> L. f.
Não	42
14 — Até 4 óvulos em todo o ovário	15
Não	22
15 — As 2 sépalas exteriores muito mais largas do que as interiores, uma delas profundamente bifida	<i>Lophrostachys</i> Pohl
Não	16
16 — Cálice anular, muito pequeno, flor com duas grandes bractéolas	<i>Mendoncia</i> Vell.
Não	17
17 — Cálice até 4 lacínios	18
Não	19
18 — Corola com 4 segmentos	<i>Stachyacanthus</i> Nees
Não	<i>Ruellia</i> Lin.
19 — Sépalas iguais entre si	21
Não	20
20 — Corola até 8 mm de comprimento, branca, tipicamente bilabiada	<i>Lepidagathis</i> Willd.
Não	<i>Ruellia</i> Lin.
21 — Pólen alveolado	31
Não	27
22 — Tecas reniformes, glabras; cálice com lacínias muito desiguais	<i>Staurogyne</i> Wall.
Não	23
23 — Árvores. Estames exsertos, com as anteras pilosas	<i>Trichanthera</i> H. B. K.
Não	24
24 — Corola tipicamente bilabiada	25
Não	<i>Ruellia</i> Lin.
25 — Inflorescência em panícula terminal ...	<i>Lychniothyrsus</i> Lindau
Não	42

26 — As 2 sépalas exteriores, muito mais largas do que as interiores, uma delas profundamente bifida	<i>Liberattia</i> Rizz.
Não	28
27 — Corola até 15 mm de comprimento	<i>Hygrophila</i> R. Br.
Não	<i>Dyschoriste</i> Nees
28 — Até 4 óvulos em todo o ovário	33
Não	29
29 — Algumas tecas, ou tôdas, calcaradas, às vezes apendiculadas	52
Não	30
30 — Estaminódios 2; estames férteis com as anteras hirsutas	<i>Sanchezia</i> R. et Pav.
Não	<i>Elytraria</i> Vahl
31 — Estames 4, com 1 estaminódio pequeno ..	<i>Tremacanthus</i> Sp. Moore
Não	<i>Ruellia</i> Lin.
32 — Inflorescências somente terminais	<i>Anisacanthus</i> Nees
Não	<i>Harpochilus</i> Nees
33 — Algumas tecas, ou tôdas, calcaradas ...	34
Não	35
34 — Pólen com poro central e de cada lado dêste uma fileira de nódulos	73
Não	53
35 — Cálice truncado; flor com 2 grandes bracteolas (cfr. <i>Mendoncia</i>)	<i>Clistax</i> Mart.
Não	36
36 — Tubo da corola estreito, cilíndrico, longo; flor não bilabiada; estaminódios 2, ligados aos filêtes dos estames como esporão ou quase como esporão	<i>Pseuderanthemum</i> Radlk.
Não	37
37 — Flor como acima, poucas no ápice do caule	<i>Pseuderanthemum</i> Radlk.
Não	38
38 — Flor bilabiada; filêtes inteiramente livres, com anteras sagitadas na base ...	<i>Pachystachys</i> Nees
Não	39
39 — Filetes com um esporão	<i>Chaetothylax</i> Nees
Não	40
40 — Anteras unitecas	41
Não	43
41 — Corola vermelha, com 4 lacínias; (pólen esférico provido de uma faixa equatorial e acúleos)	<i>Stenostephanus</i> Nees
Não	57

42 — Inflorescência terminal	<i>Juruasia</i> Lindau
Não	80
43 — Pólen facetado	<i>Poikilacanthus</i> Lindau
Não	44
44 — Pólen noduloso	51
Não	45
45 — Pólen aculeado	79
Não	46
46 — Grãos oblongos	47
Não	48
47 — Corola acima de 3 cm com o lábio inferior profundamente trifido	32
Não	62
48 — Pólen parvi-aculeado	<i>Herpetacanthus</i> Nees
Não	49
49 — Estaminódios 2	81
Não	50
50 — Brácteas e bractéolas longas e finas	<i>Schaueria</i> Nees
Não	54
51 — Corola gibosa na base ou pólen noduloso com retículo lateral	<i>Cyphisia</i> Rizz.
Não	66
52 — Estaminódios 2; estames 2, com anteras hirsutas	<i>Sanchezia</i> R. et Pav.
Não	<i>Nelsonia</i> R. Br.
53 — Filêtes com um esporão ou anteras unitescas	<i>Chaetothylax</i> Nees
Não	58
54 — Um estaminódio	<i>Duvernoia</i> E. Mey.
Não	55
55 — Inflorescência cimosa (di-tricótoma) ..	<i>Dichazothece</i> Lindau
Não	56
56 — Tubo da corola estreito, com lábios pequenos partindo acima da parte média ..	<i>Drejera</i> Nees
Não	<i>Duvernoia</i> E. Mey.
57 — Cálice com 5 lacínias	<i>Sesbatiano-Schaueria</i> Nees
Não	<i>Heinzelia</i> Nees
58 — Pólen noduloso (mais de 1 série de nódulos)	60
Não	61
59 — Pólen alongado, com uma fenda	<i>Aphelandra</i> R. Br.
Não	<i>Encephalosphaera</i> Lindau
60 — Pólen com nódulos múltiplos	<i>Sericographis</i> Nees
Não	63
61 — Inflorescência em espiga	<i>Chaetochlamys</i> Lindau
Não	<i>Lophothecium</i> Rizz.

62 — Teca inferior da antera apendiculada (pólen microrreticulado)	<i>Lophothecium</i> Rizz.
Não	67
63 — Corola com 3 manchas seríceas, internamente, na base do tubo	<i>Sericographis</i> Nees
Não	64
64 — Inflorescência terminal densa, com grandes brácteas (maiores do que o cálice)	71
Não	65
65 — Flôres solitárias ou 2 por axila	<i>Jacobinia</i> Moric.
Não	70
66 — Cálice com 4 sépalas	<i>Heinzelia</i> Nees
Não	69
67 — Pólen liso (flôres com menos de 5 mm)	<i>Thalestris</i> Rizz.
Não	68
68 — Flôres dispostas em pequenas espigas, as quais se ordenam em panículas	<i>Dactylostegium</i> Nees
Não	<i>Dicliptera</i> Juss.
69 — Corola com 3 máculas seríceas, internamente na base do tubo	<i>Sericographis</i> Nees
Não	72
70 — Brácteas grandes, dimorfas: as ventrais lanceoladas e as dorsais ovais	<i>Heteraspidia</i> Rizz.
Não	<i>Beloperone</i> Nees
71 — Tecas paralelas, com conectivo semilunar	<i>Cyrtanthera</i> Nees
Não	<i>Orthotactus</i> Nees
72 — Espigas axilares	<i>Acelica</i> Rizz.
Não	<i>Cyrtanthera</i> Nees
73 — Cálice quadripartido. Teca superior oblíqua, a inferior vertical e calcarada	<i>Sarotheca</i> Nees
Não	74
74 — Grãos de pólen com 3 poros. Espigas com grandes brácteas coloridas	<i>Calliaspidia</i> Brem.
Não	75
75 — Espigas com brácteas arredondadas e estreitadas na base (espatuladas)	<i>Amphiscopia</i> Nees
Não	76
76 — Flôres axilares, aglomeradas. Lábio inferior da corola com 3 rugas ou linhas transversais	<i>Tyloglossa</i> Hochst.
Não	77
77 — Cálice quadripartido, se quinquefido o segmento superior menor ou mais estreito. Tecas inermes	<i>Saglorithys</i> Rizz.
Não	78

- | | |
|---|-----------------------------|
| 78 — Espigas dispostas em panícula. Terrestres | <i>Psacadocalymma</i> Brem. |
| Não | <i>Dianthera</i> Lin. |
| 79 — Inflorescência com brácteas grandes e largas. Anteras obtusas | <i>Porphyrocoma</i> Hook. |
| Não | <i>Rhacodiscus</i> Lindau |
| 80 — Corola até 15 mm de comprimento | <i>Hygrophila</i> R. Br. |
| Não | <i>Dyschoriste</i> Nees |
| 81 — Corola quadrífida com 10-12 mm. Pólen com campos de retículo entre as faixas também, reticuladas | <i>Morsacanthus</i> Rizz. |
| Não | <i>Odontonema</i> Nees |

Notas sobre o uso das chaves

1.^a — O segundo item de cada chave é sempre representado pelo advérbio *não*, que traduz a negativa do caráter (ou conjunto de caracteres) acima enunciado; êste emprêgo apresenta a grande vantagem de economizar tempo, evitando a repetição do que foi dito no primeiro item. Exemplo:

- | | |
|---------------------------------------|-----|
| “ 4 — Tôdas as anteras unitecas | 8 |
| Não | 5 ” |

Não seria preciso repetir: “tôdas as anteras ditecas ou duas unitecas e duas ditecas”; êste período é todo representado pelo “*não*” e assim por diante.

2.^a — Quando vários atributos morfológicos são enunciados em um item a presença de *todos* deve ser reclamada; a ausência de um dêles, mesmo o menos importante, invalida todo o item e se deve entrar no segundo, que será o “*não*”. Exemplo:

- | | |
|---|-------------------------------|
| “ 36 — Tubo da corola estreito, cilíndrico, longo; flor não bilabiada; estaminódios 2, ligados aos filêtes dos estames como esporão, ou quase assim | <i>Pseuderanthemum</i> Radlk. |
| Não | 37 ” |

Se o tubo da corola fôr largo e curto ou se a flor fôr bilabiada ou, ainda, se não houver estaminódios, etc., devemos entrar em “*não*”, chave 37.

3.^a — Em certas chaves o primeiro item diz o seguinte:

- | | |
|---|------|
| “ 29 — Algumas tecas, ou tôdas, calcaradas .. | 52 |
| Não | 30 ” |

Isto quer dizer que freqüentemente o calcar ou esporão é ca-
duco e nas flôres abertas alguns já se desprenderam das tecas, pelo
que não serão encontrados em tôdas. Poder-se-á — em casos de
suspeita ou mesmo sistematicamente — apelar para o botão, quan-
do presente.

4.^a — As vêzes dois caracteres são ligados pela conjunção *ou*,
que, por sua própria condição de disjuntiva, nos permite escolher
um dos dois, naturalmente o de mais fácil observação e interpre-
tação. Exemplo:

- “ 51 — Corola gibosa na base ou pólen nodu-
loso com retículo lateral *Cyphisia* Rizz.
Não 66 ”

Procuraremos, sem dúvida, examinar a corola por mais aces-
sível e menos trabalhoso; em caso de incerteza no que tange a um
dos caracteres, apela-se para o outro.

5.^a — Outras vêzes, ao invés da conjunção disjuntiva empre-
gamos parênteses, vindo o outro caráter entre êles. Exemplo:

- “ 67 — Pólen liso (flôres com menos de 5 mm) *Thalestris* Rizz.
Não 68 ”

Podemos escolher um dos dois.

6.^a — Em certos casos, porém, a disjuntiva *ou* não nos deixa
margem para escolha e significa que sòmente um dos fatos morfo-
lógicos enunciados pode estar presente. Exemplo:

- “ 8 — Anteras sésseis ou filêtes menores do
que a metade das anteras *Stenandrium* Nees
Não 9 ”

Como se depreende, no caso vertente ou as anteras são sésseis
ou não o são e, então, os filêtes serão menores do que a metade
das mesmas: não há por onde escolher.

CLASSIFICAÇÃO DOS GRÃOS DE POLEN DAS ACANTHACEAE

1 — Pólen liso:

- A — Grãos esféricos *Mendoncia* Vell.
B — Grãos elíticos *Thalestris* Rizz.

2 — *Pólen com fendas:*

- A — Grãos esféricos *Nelsonia* R. Br.
Staurogyne Wall.
Elytraria Vahl
- B — Grãos alongados *Aphelandra* R. Br.
Geissomeria Lindl.
Stenandrium Nees, sect.
Schizostenandrium Lindau

3 — *Pólen com faixas:*

- A — Faixa duas vezes enlaçando o grão de pólen (destacável com ácido sulfúrico) *Thunbergia* Lin. f.
- B — Faixas transversais e longitudinais .. *Trichanthera* H. B. K.
Sanchezia Hook.

C — Faixas longitudinais somente:

I — Grãos mais ou menos esféricos:

- a — Pólen com faixas reticuladas e, entre elas, campi-reticulado *Morsacanthus* Rizz.
- b — Pólen sem retículo *Drejera* Nees
Schaueria Nees
Odontonema Nees
Pseuderanthemum Radlk.
Juruasia Lindau

II — Grãos alongados:

- a — Truncados nos pólos *Dactylostegium* Nees
Dicliptera Juss.
- b — Arredondados nos pólos ... *Pachystachys* Nees
Dyschoriste Nees
Chamaeranthemum Nees
Hygrophila R. Br.
Anisacanthus Nees
Harporchilus Nees
Duvernoia E. Mey.

- § — Categoria ainda incerta neste grupo *Dichazotheca* Lindau

4 — *Pólen noduloso:*

- A — Duas fendas de direção oposta partindo do poro para os pólos *Clistax* Mart.
- B — Sem fendas partindo do poro:

I — Grãos com poro central e de cada lado dêste uma série de nódulos

Sarotheca Nees
Saglorithys Rizz.
Psacadocalymma Brem.
Tyloglossa Hochst.
Dianthera Lin.
Calliaspidia Brem.

II — Grãos com mais de uma série de nódulos de cada lado do poro:

a — Nódulos pouco evidentes:

1 — Três séries de nódulos:

§ — Comprimento do grão quase igual ao dôbro da largura ..

Jacobinia Moric.
Cyrtanthera Nees
Sericographis Nees
Orthotactus Nees

§§ — Comprimento do grão quase igual à largura

Chaetothylax Nees
Heinzelia Nees

2 — Duas séries de nódulos

Acelica Rizz.

b — Nódulos bem distintos:

1 — Grãos nodulosos nas faces anterior e posterior, na lateral reticulados ..

Cyphisia Rizz.

2 — Grãos ou inteiramente nodulosos ou só nas faces anterior e posterior, neste caso sem retículo lateral:

X — Nódulos múltiplos

Sericographis Nees
(*S. Macedoana* Rizz.)

XX — Nódulos simples .

Heteraspidia Rizz.
Beloperone Nees

5 — Pólen aculeado:

A — Grãos com faixa equatorial estreita ..

Stenostephanus Nees

B — Grãos sem faixa equatorial:

I — Poros numerosíssimos

Stenandrium Nees, sect.
Sphaerostenandrium Lindau

II — Poros três, raramente quatro:

a — Grãos elíticos *Porphyrocoma* Hook.

b — Grãos esféricos *Herpetacanthus* Nees

III — Poros dois *Rhacodiscus* Lindau

6 — *Pólen alveolado*:

A — Poro em pequena fenda *Lophostachys* Pohl

B — Fenda inexistente *Tremacanthus* Sp. Moore
Ruellia Lin.

§ — Categoria ainda incerta neste grupo .. *Pentstemonacanthus* Nees
Spirostigma Nees

7 — *Pólen reticulado*:

A — Macrorretículo (patente desde 100-
500 vezes) *Lepidagathis* Willd.

Acanthura Lindau

Liberatia Rizz.

B — Microrretículo (patente desde 900
aumentos — imersão!) *Lophothecium* Rizz.

Chaetochlamys Lindau

8 — *Pólen facetado*:

A — Facetas seis com nódulos e fendas .. *Encephalosphaera* Lindau

B — Facetas numerosas sem nódulos e
fendas *Poikilacanthus* Lindau

9 — *Pólen desconhecido* *Sebastiano-Schaueria* Nees
Stachyacanthus Nees

OBSERVAÇÕES — *Pólen alveolado* facilmente se distingue do reticulado porque, no primeiro, temos nítida impressão de profundidade, à semelhança dos alvéolos de uma colmeia; isto, porém, na maioria dos casos. Algumas vezes essa distinção se torna puramente subjetiva e fica sendo função da maior ou menor experiência do observador, fato êste sobremodo inconveniente para a Sistemática como é óbvio. Em todo o caso, quando se trata realmente de retículo, o exame, mesmo com imersão, não dá a mínima idéia de profundidade: mostra simplesmente uma rede superficial, enlaçando o grão de pólen. Os diversos autores que se ocuparam do pólen, sob variados aspectos, não deram a menor importância ao assunto, mas não posso assim proceder porque em "Arquivos do Jardim Botânico", vol. VIII, 1948, pág. 394, descrevi o gênero

Lophothecium, cujo pólen — pela primeira vez descrito na família — é rigorosamente reticulado.

A diferença entre as duas ornamentações da exina referidas pode assim ser compreendida: o retículo é constituído por *linhas* e o alvéolo por *paredes*. É isso, precisamente, o que devemos procurar verificar. Não me parecem ser as transições entre ambas as formações suficientemente importantes para obstar a competente diferenciação.

É esse o esquema mais simples e exato. Tem êle passado por numerosas modificações através de vários anos de pesquisas e, pois, é claro que o julgemos agora bastante elaborado.

Ilustrações de polens podem ser encontradas em Lindau (20 e 21) e em meu trabalho (39).

GÊNEROS BEM DEFINIDOS

Não é minha intenção repetir ou copiar diagnoses, já que elas são facilmente *acessíveis* a quem as quiser ver. Vou, tão somente, dar chaves para as espécies bem conhecidas e fazer alguns comentários em torno das mesmas ou de seus gêneros.

1 — ELYTRARIA VAHL

Enum., I, 1804, pág. 106.

Temos apenas uma espécie não muito comum e bem característica, aparecendo na "Flora" sob o epíteto *E. tridentata Vahl*; hoje, porém, denomina-se:

1 — *Elytraria squamosa* (Jacq.) Lindau.

Cfr. Pflanzenf., Nachtr. 1897, pág. 304 — Pará, Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais.

2 — MENDONCIA VELL.

Vandellii Fl. Lusit. et Bras. Sp., 1788, pág. 43, fig. 22.

Gênero até 1948 extremamente confuso pelo número enorme de espécies dúbiamente criadas, donde a vasta e intrincada sinonímia. Possuímos agora 19 representantes bem delimitados, e mais 1 pouco conhecido, graças a um caráter introduzido por Bremekamp (3) e desenvolvidamente pesquisado por mim (40). Trata-se das células basais dos pêlos epidérmicos, cujas variadas

formas são deveras constantes e úteis para a subdivisão (um tanto artificial, é verdade) do grupo. Desenhos delas em (40).

Na "Flora" aparece como *Mendozia R. et Pav.* por interessante coincidência.

I — Subgên. *Dialyactinocithus Rizz.*

Arq. J. Bot. R. Jan., VIII, 1948, pág. 296.

Células basais dos pêlos, nas duas páginas da fôlha, com os raios inteiramente livres entre si, mas reunidos no centro à semelhança de uma estrêla; no que tange ao número, variam de dois a nove. Pêlos glandulares sempre presentes, bi-quadrícélulares.

A — Secção *Bicithadenia Rizz.*

Ibidem.

Pêlos glandulares bicelulares, oblongos, providos de septo mediano.

a — Bractéolas revestidas por pêlos seríceos. Células com dois raios apenas:

2 — *Mendoncia multiflora Poepp. et Endl.*

Nov. Gen. et Sp., III, 1845, pág. 10 — Amazonas.

b — Fôlhas, na página inferior, cobertas por indumento densíssimo e macio, de côr amarelada. Corola branca ou branco-amarelada:

3 — *Mendoncia mollis Lindau*

Engl. Bot. Jahrb., XXV, 1898, pág. 44 — Minas Gerais.

c — Fôlhas levemente dimorfas: as maiores mucronadas, as menores acuminadas. Bractéolas gradativamente estreitadas em direção do ápice:

4 — *Mendoncia ceciliae Rizz.*

Bol. Mus. Nac., N. Ser., Bot., VIII, 1947, pág. 18 — Pará.

d — Tôdas as fôlhas acuminadas. Bractéolas subfalcadas:

5 — *Mendoncia hoffmannseggiana Nees*

Prodromus, XI, 1847, pág. 50 — Amazonas.

B — Secção *Tetracithadenia Rizz.*

Loc. cit., pág. 298.

Pêlos glandulares quadrícélulares, arredondados, raramente oblongos.

- a — Fôlhas grandes (até 30 cm. comprimento) perfeitamente orbiculares, espessas, escabras na face superior. Bractéolas densissimamente rufo-tomentosas:

6 — *Mendoncia gigas* Lindau

Notizbl. Bot. Berl., VI, 1914, pág. 192 — Amazonas, onde não é rara.

- b — Fôlhas muito menores, com formas outras que a assinalada anteriormente. Bractéolas glabras ou simplesmente pilosas:

b1 — Raios celulares formando, na face superior, estrêla regular. Bractéolas com cerca de 4 cm, dotadas de nervura mediana proeminente e prolongada em mucro de 6 mm. Toda hirsuta:

7 — *Mendoncia pilosa* Nees

Loc. cit., pág. 50 — Amazonas.

b2 — Raios das células basais dos pêlos desiguais e, daí, constituindo estrêla irregular. Bractéolas mucronado-acuminadas com cerca de 2-3 cm de comprimento. Inteiramente pilosa:

8 — *Mendoncia aspera* R. et Pav.

Syst. Veget., 1798, pág. 158 — Mato Grosso.

b3 — Espécie inteiramente glabra:

9 — *Mendoncia glaberrima* Rizz.

Arq. J. Bot. R. Jan., IX, pág. 206 — Minas Gerais.

II — Subgên. *Gamoactinocithus* Rizz.

Op. cit., pág. 299.

Células basais dos pêlos, em ambas as faces, com os raios concrecidos ao longo de seus trajetos formando como que rosa; no concernente ao número, até 10 encontramos. Pêlos glandulares biquadrimulticelulares.

A — Secção *Bicithotrichum* Rizz.

Ibidem.

Pêlos glandulares, com duas células.

a — Células, nas duas epidermes, perfeitamente iguais:

10 — *Mendoncia puberula* Mart.

Nov. Gen. et Sp. Pl. Bras., III, 1829, pág. 24, tab. 211 — S. Paulo, Minas Gerais, Bahia, Est. Rio, Amazonas.

b — Células bem distintas, segundo a página da fôlha:

11 — *Mendoncia mello-barretoana* Steyerm.

Publ. Field Muss. Hist., Bot. Ser., XVII, 5, 1939, pág. 421 — Minas Gerais.

B — Secção *Tetracithotrichum* Rizz.

Arq. J. Bot. cit., pág. 300.

Pêlos glandulares quadricelulares.

- a — Fôlhas membranáceas e translúcidas como em *Trichomanes*, longamente acuminadas e mucronadas:

12 — *Mendoncia hymenophyllacea* Rizz.

Bol. Mus. Nac., num. cit., pág. 28 — Amazonas.

- b — Fôlhas sem êsses característicos:

13 — *Mendoncia perrottetiana* Nees

Op. cit., pg. 53 — Amazonas.

C — Secção *Polycitradenia* Rizz.

Ibidem, pág. 301.

Pêlos glandulares multicelulares.

- a — Fôlhas hirsutas. Bractéolas ovais, com 2,5 cm de comprimento, mucronadas, hirsutas:

14 — *Mendoncia albida* Vell.

Flora Flum., VI, 1825, pág. 263, tab. 85 — Minas Gerais, Rio de Janeiro, Paraná.

- b — Fôlhas esparsamente pilosas. Bractéolas quase orbiculares, 1,5 cm longas, pouco pilosas:

15 — *Mendoncia schwackeana* Lindau

Bull. Herb. Boiss., III, 1895, pág. 361 — Minas Gerais.

III — Subgên. *Bremekampia* Rizz.

Idem.

As células na face superior como em *Dialyactinocithus*. Na inferior, com os raios menores e soldados do meio para o centro, ou ausentes. Pêlos glandulares biquadricelulares. Dedicado ao ilustre sistemata de Utrecht, Prof. Dr. C. E. B. Bremekamp.

A — Secção *Sprucella* Rizz.

Ibidem, pág. 302.

Pêlos glandulares bicelulares (as células dos pêlos, ausentes na face inferior da fôlha). Em homenagem a R. Spruce, o grande coletor e hepaticologista inglês.

16 — *Mendoncia sprucei* Lindau

Ibidem, V, 1897, pág. 647 — Amazonas.

B — Secção *Vellozanthus* Rizz.

Idem.

Pêlos glandulares quadricelulares (as células presentes em ambas as faces):

17 — *Mendoncia coccinea* Vell.

Loc. cit., pág. 263, tab. 86 — De tôdas a mais vulgar.

Rio de Janeiro, Santa Catarina, etc..

IV — Subgên. *Anactinocithus* Rizz.

Idem.

Destituído de células basais nos pêlos, êstes freqüentemente ausentes. Pêlos glandulares biquadricelulares.

A — Secção *Turrillia* Rizz.

Ibidem, pág. 303.

Pêlos glandulares bicelulares. Consagrada a W. B. Turrill, o botânico inglês que por último estudou com felicidade o gênero em foco.

18 — *Mendoncia retusa* Turrill

Bull. Misc. Inform. Kew, IX, 1919, pág. 423 — Peru, com probabilidade de ocorrer também no Brasil.

B — Secção *Lindavia* Rizz.

Ibidem.

Pêlos glandulares quadricelulares (fôlhas com duas hipodermes constituídas de fibras). Dedicada ao genial microliquenólogo G. Lindau, que tão completamente reformou a difícil família das *Acanthaceae*.

19 — *Mendoncia obovata* Lindau

Ibidem, pág. 646 — Venezuela; talvez venha ainda a ser encontrada em nossa pátria.

§ — Espécie com posição incerta; pêlos glandulares multicelulares (como em *Polycithadenia*), bractéolas quase redondas e cuspidadas, fôlhas novas com pêlos esparsos e as adultas completamente glabras:

20 — *Mendoncia hoehneana* Mildbr.

Literatura desconhecida (*nomen tantum?*). Acha-se no herbário do Instituto de Botânica de S. Paulo sob o n.º 27.185 (M. Kuhlmann 23-XI-1933). São Paulo.

Espécie mal conhecida:

21 — *Mendoncia fulva* Lindau

Bull. Herb. Boiss., V, 1897, pág. 645 — Minas Gerais.

Para as espécies dúbias e sinonímia cfr. (39, 40, 3 e 4).

3 — THUNBERGIA LIN. F.

Suppl., pág. 292.

Muito maior do que o anterior, é exclusivamente afro-asiático. Contudo, pela mor parte do território nacional distribui-se *Th. alata* Bojer como espécie subespontânea, perfeitamente adaptada ao novo *habitat*, inclusive nas bordas das matas, onde, contudo, não a vimos penetrar ainda; possui flôres amarelas (às vêzes alvas) com a fauce parda. Muito cultivada é a belíssima *Th. grandiflora* Roxb., cujas flôres são azuis, com tonalidade para branco; menos plantadas são algumas outras, que não vêm a pêlo citar. Raras não são trepadeiras.

4 — TRICHANTHERA H. B. K.

Nov. Gen. et Sp. Plant., II, 1817, pág. 243.

Inconfundível por ser o único gênero brasileiro com porte arbóreo. Trata-se de pequena árvore cespitosa (pelo menos no Jardim Botânico, onde cresce admiravelmente) procedente da Amazônia.

Sua espécie única é:

22 — *Trichanthera gigantea* H. B. K.

Ibidem — Amazonas.

5 — SANCHEZIA R. ET PAV.

Prodr. Fl. Peruv., I, pág. 7, tab. 8.

Gênero com três espécies no Brasil, sendo a mais comum exótica, mas aqui incluímos, de tão cultivada; trata-se de *Sanchezia nobilis* Hook., conhecida por "fôlha da independência", devido às suas lindamente coloridas fôlhas, muito empregada para sebes vivas.

A — Uma espiga só, terminal:

I — Fôlhas verdes:

23 — *Sanchezia munita* (Nees) Benth.

Nees, Fl. Bras., IX, 1847, pág. 64, tab. 7.

Bentham, Gen. Plant., II, pág. 1.083 — Amazonas, Pernambuco.

II — Fôlhas variegadas (amarelo e verde):

24 — *Sanchezia nobilis* Hook.

Bot. Magaz., tab. 5.594 — Equador.

B — Uma espiga terminal e uma ou duas axilares:

25 — *Sanchezia macrocnemus* (Nees) Lindau

Nees, ibidem.

Lindau, Pflanzenf., IV, 3 b, pág. 294 — Pará.

Tôdas são dotadas de grandes brácteas coloridas nas muito ornamentais inflorescências, porém, somente a indicada, exótica, é cultivada. Na "Flora" aparece o gênero sob a denominação sinônima de *Ancylogyne*.

6 — LIBERATIA RIZZ.

Bol. Mus. Nac., Nov. Ser., Bot., VIII, 1947, pág. 21, tab. 4.

Só uma espécie não muito rara com flôres esbranquiçadas:

26 — *Liberatia diandra* (Nees) Rizz.

Nees, loc. cit., pág. 70.

Rizzini, ibidem, pág. 22 — Rio de Janeiro, Espírito Santo, Paraná.

Na "Flora" se acha sob o nome de *Lophostachys diandra* Nees; este autor mesmo interroga: "Tipo de um novo gênero?", naturalmente porque com dois estames jamais poderia pertencer àquele gênero. Tendo à mão farto material, isolamo-lo em outro à parte.

7 — *LOPHOSTACHYS* POHL

Plant. Bras., II, 1831, pág. 93.

Chave para as espécies melhor conhecidas:

A — Corola até 20 mm. de comprimento:

I — Extremidades vegetativas e inflorescências densamente vilosas:

27 — *Lophostachys villosa* Pohl

Ibidem, pág. 94, tab. 161 — Goiás.

II — Sumidades tôdas não vilosas:

§ — As fôlhas, na base e no ápice, estreitadas:

28 — *Lophostachys laxifolia* Nees

Fl. Bras., vol. cit., pg. 68 — Rio de Janeiro.

§§ — Fôlhas oblongas ou ovais:

29 — *Lophostachys semiovata* Nees

Ibidem. Desenho: Rizzini, loc. cit., tab. 2 A — Rio de Janeiro.

B — Corola além de 20 mm de comprimento:

a — Pecíolo até 8 mm de comprimento:

I — As fôlhas lanceoladas, acuminadas, com mais de 11 cm de comprimento:

30 — *Lophostachys falcata* Nees

Idem, pág. 67. Desenho em Rizzini, ibidem, tab. 3 — Minas Gerais, Goiás.

II — As fôlhas não lanceoladas e nem acuminadas, até 11 cm de comprimento:

31 — *Lophostachys montana* Mart.

In Nees loc. cit., pág. 68. Desenho: Rizzini, idem, tab. 2 B — Minas Gerais

b — Pecíolo além de 8 mm de comprimento:

32 — *Lophostachys floribunda* Pohl

Op. cit., pág. 95, tab. 162 — Minas Gerais, Goiás, S. Paulo; planta bastante comum.

Anteriormente (45) considerei minha espécie *Lophostachys bradei* (Bol. Mus. Nac. já citado, pág. 21, tab. 1) como sinónima desta última, o que agora reafirmo.

Lista das demais espécies em (40), às páginas 308-309.

8 — CHAMAERANTHEMUM NEES

Lind., *Introduct.*, 2.^a ed., pág. 445.

Só duas espécies decumbentes, bastante ornamentais:

A — Fôlhas subcordiformes. A planta inteira molemente velutina:

33 — *Chamaeranthemum gaudichaudii* Nees

Ibidem, pág. 155 — Rio de Janeiro, vulgaríssima.

B — Fôlhas ovais ou oblongas. A planta revestida por indumento não velutino:

34 — *Chamaeranthemum beyrichii* Nees

Idem, tab. 28 — Rio de Janeiro, menos comum.

9 — DREJERA NEES

Fl. Bras, IX, 1847, pg. 112.

A — Fôlhas até 4 cm de largura. Inflorescência sésil. Corola profundamente bilabiada:

35 — *Drejera ramosa* Nees

Ibidem, tab. 17 — Goiás, muito pouco frequente.

B — Fôlhas com mais de 4 cm de largura. Inflorescência pedunculada. Corola remotamente bilabiada:

36 — *Drejera polyantha* Rizz.

Bol. Mus. Nac., n. cit., pág. 23, tab. 6 — Lindo vegetal não muito raro no Itatiaia (Est. Rio de Janeiro).

10 — PACHYSTACHYS NEES

Op. cit., pág. 99.

Uma emenda à diagnose genérica se encontra em (40), pág. 311. Temos três representantes, todos da hiléia amazônica:

A — Fôlhas nitidamente pecioladas. Corola vermelha:

I — Brácteas, na base, longamente estreitadas:

37 — *Pachystachys riedeliana* Nees

Ibidem, pág. 99 — Amazonas. Fácilmente cultivado no Jardim Botânico.

II — Brácteas, na base, muito pouco estreitadas:

38 — *Pachystachys coccinea* (Aubl.) Nees

Aublet, Plant. Guian., I, pág. 10, tab. 3.

Nees, DC Prodr., XI, pág. 319 — Guiana, certo no Brasil. Cultivada sem dificuldade no Jardim Botânico.

B — Fôlhas perfeitamente sésseis. Corola-branca:

39 — *Pachystachys albiflora* Rizz.

Bol. Mus. Nac., VIII, 1947, pág. 23, tab. 7 — Território do Acre.

11 — CYPHISIA RIZZ.

Rev. Brasil. Biol., VI (4), pág. 521, 1946.

Bremekamp (6), comentando os gêneros da tribo *Justicieae*, julga *Cyphisia* bem distinto de *Beloperone* — ainda que este seja o mais próximo daquele — pela corola gibosa de cor violácea.

A espécie única até agora conhecida já desapareceu (ou será talvez muito rara) porque foi colhida em pedreira que se achava em exploração.

40 — *Cyphisia venusta* Rizz.

Ibidem, pág. 522 — Minas Gerais.

12 — CLISTAX MART.

Nov. Gen. et Sp. Plant. Bras., III, 1829, pág. 26.

Trepadeiras com grandes flôres, com cálice inconspícuo.

A — Bractéolas glabras:

41 — *Clistax brasiliensis* Mart.

Ibidem — Rio de Janeiro, Minas Gerais.

B — Bractéolas pubescente tomentosas:

42 — *Clistax speciosus* Nees

Fl. Bras., IX, 1847, pág. 14 — Rio de Janeiro.

13 — HEINZELIA NEES

Ibidem, pág. 153.

Gênero fundido por Lindau com *Chaetothylax* Nees em razão da identidade polínica; restaurei-o, sem embargo, porque este apresenta as anteras peculiares com a teca superior normal e a inferior estéril transformada em esporão, ao passo que *Heinzelia* tem-nas fundidas numa só como se a antera fôsse uniteca. Além disso, as dimensões das flôres são constantes: neste, sempre menor do que 1 cm, naquele, maior do que dois.

A — Fôlhas lanceoladas e glabras:

43 — *Heinzelia lythroides* Nees

Idem, pág. 154, tab. 27 — Rio de Janeiro, Minas Gerais.

B — Fôlhas ovais ou oblongas, pilosas:

44 — *Heinzelia ovalis* Nees

Idem — S. Paulo, Minas Gerais, Paraná.

14 — *CALLIASPIDIA* BREM.

Verh. Kon. Ned. Akad. Van Wetens., Afd. Natuurk.,
XLV (2), 1948, pág. 54.

Este gênero não é nativo em nossa terra, mas a sua espécie única abaixo citada é tão comumente cultivada que julgamos conveniente aqui incluí-lo. É conhecida vulgarmente por "camarão vegetal" devido as suas enormes brácteas vermelhas.

Foi feita por Bremekamp nova combinação para *Beloperone guttata* Brand, em razão dos polens com três poros, com uma série de nódulos de cada lado dos mesmos e das grandes brácteas.

45 — *Calliaspidia guttata* (Brand.) Brem.

Brandgee, Univ. Calif. Publ. Bot., IV, 1912, pág. 278
Bremekamp, ibidem — México, plantada em quase todos os nossos jardins.

15 — *APHELANDRA* BR.

Prodr. Fl. Nov. Holl., I, pág. 475.

As secções de Nees (*Stenochila* e *Platychila*) praticamente não se distinguem e, pois, foram abandonadas.

A — Pedúnculo da inflorescência além de 15 mm de comprimento:

I — Brácteas com a margem espinhoso-dentada ou serrulada:

a — Fôlhas crenadas.

46 — *Aphelandra crenatifolia* Rizz.

Arq. J. Bot. Jan., VIII, 1948, pág. 327, tab.
III — Estado do Rio de Janeiro .

b — Fôlhas de todo íntegras ou apenas levemente sinuadas:

§ — Corola nitidamente bilabiada; estames exsertos:

47 — *Aphelandra nemoralis* Mart.

Ex Nees, Fl. Bras., IX, 1847, pág. 90, tab.
11 — Rio de Janeiro

§§ — Corola sub-bilabiada; estames incluídos no tubo da corola:

I — As folhas até 25 mm de largura e 17 cm de comprimento. As brácteas longissimamente subulado-acuminadas:

48 — *Aphelandra rigida* Mildbr.

Notizbl. Bot. Gart. Berl., XI pág. 65

— Est. do Rio de Janeiro.

II — As folhas além de 25 mm de largura e 17 cm de comprimento. Brácteas muito pouco agudas:

49 — *Aphelandra maximiliana* (Nees) Benth.

Nees, ibidem, pág. 85, tab. 10.

Bentham, loc. cit. — Espírito Santo.

II — Brácteas integérrimas:

a — Folhas, na face superior, com estrias amarelas ao longo das nervuras principais:

50 — *Aphelandra stephanophysa* Nees

Loc. cit., pág. 90 — Estado do Rio.

b — Folhas destituídas de estrias amarelas:

§ — Brácteas muito largas, no ápice brevemente agudas e reflexas:

51 — *Aphelandra squarrosa* Nees

Ibidem, pág. 89 — No mesmo loacl.

* — Folhas muito menores: 13-20 cm X 5-7 cm.

Inflorescências com 7-9 cm de comprimento:

Var. *angustifolia* Nees

Ibidem — Est. Rio.

§§ — Brácteas obtusas:

I — Brácteas de ápice arredondado, com 15 mm de largura. Folhas além de 18 cm de comprimento; estilete, no fruto, reduzido quanto ao comprimento e aumentado quanto à largura:

52 — *Aphelandra concinna* Rizz.

Arq. J. Bot. R. Jan., vol. cit., pág.

324, tab. I — Est. do Rio.

II — Brácteas com o ápice ovalado, muito menores do que as precedentes. As folhas até 18 cm de comprimento; estilete no fruto diminuído, mas filiforme:

53 — *Aphelandra nuda* Nees

Flora, etc., pág. 89 — Pernambuco.

§§§ — Brácteas agudas, sempre acuminadas:

I — Arbusto. Brácteas glabras:

54 — *Aphelandra edmundoa* Rizz.

Ibidem, pág. 326, tab. II — Est. Rio.

- * — Fôlhas lanceoladas com cêrca de 13-18 cm de comprimento, 2,5-4 cm de largura; espiga única, terminal, até 9 cm de comprimento:

Var. *monocephala* Rizz.

- II — Erva com folhas ovais, até 10 cm de comprimento. Brácteas até 15 mm de comprimento, pilosas:

55 — *Aphelandra acensis* Lindau

Notizbl. Bot. Gart. Berl., VI, pág. 196 — Território do Acre.

- III — Erva com fôlhas lanceoladas, além de 10 cm de comprimento. Brácteas além de 15 mm de comprimento, também pilosas:

56 — *Aphelandra phrynioides* Lindau

Bull. Herb. Boiss., 2 Ser., IV, 1904, pág. 326 — Bahia.

- B — Pedúnculo da inflorescência com menos de 15 mm de comprimento e mais do que 5 mm:

- I — Brácteas com a margem espinhoso-dentada ou serrulada:

57 — *Aphelandra paraensis* Lindau

Ibidem, pág. 324 — Pará.

- II — Brácteas integérrimas:

- a — Brácteas com menos de 10 mm, escabras. Fôlhas além de 15 cm:

58 — *Aphelandra macrostachya* Nees

Fl. Bras., vol. cit., pág. 88 — Amazonas.

- b — Brácteas provàvelmente com o mesmo comprimento, mas não escabras. Fôlhas até 15 cm de comprimento:

- § — Brácteas obtusas, no ápice arredondadas:

59 — *Aphelandra lutea* (Nees) Benth.

Nees, ibidem, pág. 87.

Bentham, loc. cit. — Rio de Janeiro.

- §§ — Brácteas acuminadas:

60 — *Aphelandra marginata* Nees

Idem, pág. 91 — Minas Gerais.

- C — Pedúnculo da inflorescência ausente (com menos de 5 mm de comprimento):

- X — Tôdas as brácteas (raro sômente as superiores) com a margem espinhoso-dentada ou serrulada:

- I — Caule piloso:

- a — Brácteas glabras:

61 — *Aphelandra obtusa* (Nees) Benth.

Nees, Flora, etc., pág. 86.

Bentham, op. cit. — S. Paulo, Goiás.

b — Brácteas pilosas:

62 — *Aphelandra caput-medusae* Lindau.

Bull. Herb. Boiss., vol., cit., pág. 324 —

Amazonas.

II — Caule glabro:

a — Corola citrina. Brácteas com a margem provida de 5 denticulos:

63 — *Aphelandra chamissoniana* Nees

Loc. cit., pág. 90 — Santa Catarina, onde é relativamente comum.

b — Corola vermelha. Brácteas com 2-3 denticulos:

64 — *Aphelandra sciophila* Mart.

Ex Nees, ibidem, pág. 91 — Amazonas.

XX — Brácteas com a margem inteira:

a — Brácteas obtusas, mucronadas ou não, consistência não rígida:

§ — Fôlhas pilosas, principalmente na página superior:

65 — *Aphelandra montana* (Nees) Lindau

Nees, op. cit., pág. 87.

Lindau, Pflanzenf., IV, 3 b, pág. 322 —

S. Paulo, Minas Gerais.

§§ — Fôlhas destituídas de pêlos:

I — Corola amarela:

59 A — *Aphelandra lutea* (Nees) Benth.

Cfr. o n.º 59 — Exemplar de Ouro Preto.

II — Corola vermelha:

66 — *Aphelandra repanda* (Nees) Benth.

Nees, ibidem, pág. 86.

Bentham, op. cit. — Pará.

b — Brácteas agudas ou acuminadas, pungentes, rígidas:

§ — Estames alcançando as lacínias da corola:

67 — *Aphelandra mucronata* (Nees) Benth.

Nees, idem.

Bentham, ibidem — Minas Gerais, Mato Grosso.

§§ — Estames incluídos no tubo da corola:

I — Arbusto. Fôlhas agudamente decorrentes no pecíolo:

68 — *Aphelandra prismatica* (Vell.) Benth.

Velloso, Fl. Flum., VI, tab. 98.

Bentham, idem. — Rio de Janeiro, a mais comum de tôdas.

- * — Folhas bem mais estreitas do que usualmente:

Var. *stenophylla* Rizz.

Arq. J. Bot. cit., pág. 323 —
Ibidem.

- II — Erva. Fôlhas sésseis ou pecioladas, neste caso com os pecíolos alados devido à lâmina desinente:

69 — *Aphelandra blanchetiana* (Nees) Benth.
Nees, apud Moricand, Pl. Nouv. Amer., 1833, pág. 161, tab. 94.
Bentham, idem — Bahia, Minas Gerais.

- c — Brácteas agudas não rígidas. Corola com cerca de 4-5 cm de comprimento. Fôlhas membranáceas, papiráceas:

§ — Fôlhas glabras até 15 cm de comprimento. Corola igualmente glabra, com 4 cm de comprimento:

70 — *Aphelandra lurida* Rizz.

Dusenía, III (3), 1952 — Espírito Santo.

§§ — Fôlhas ciliadas com 16-23 cm de comprimento: Corola pubescente, com 5-5,5 cm de comprimento:

71 — *Aphelandra bradeana* Rizz.

Arq. J. Bot. R. Jan., VIII, 1948, pág. 325 — Est. Rio de Janeiro.

16 — LOPHOTHECIUM RIZZ.

Ibidem, pág. 335.

Muito característico pelos grãos de pólen microrreticulados e anteras bastante semelhantes às das *Gesneriaceae*, dotadas, ainda, de apêndice no lóculo inferior.

72 — *Lophothecium paniculatum* Rizz.

Idem, pág. 336, tab. 5 — Minas Gerais.

17 — GEISSOMERIA LINDL.

Bot. Regist., tab. 1.045.

A — Brácteas maiores e mais largas do que o cálice:

1 — Secção *Platystegiae* Nees

Fl. Bras., IX, 1847, pág. 83.

I — Corola glabra:

73 — *Geissomeria bracteosa* Nees

Ibidem — Rio de Janeiro.

II — Corola velutina:

§ — Corola com cerca de 3 cm de comprimento. Espigas simples e solitárias:

74 — *Geissomeria dichroa* Rizz.

Dusen, n. cit., 1952 — Paraná.

§§ — Corola com 3,5-4 cm de comprimento. Espigas terminais compondo uma panícula:

75 — *Geissomeria perbracteosa* Rizz.

Arq. J. Bot. cit., pág. 334 — S. Paulo.

B — Brácteas menores, ou, no máximo, do mesmo tamanho, que o cálice:

2 — Secção *Brachystegiae* Nees

Loc. cit., pág. 80.

I — Fôlhas largamente oblongas, tênues, ciliadas:

76 — *Geissomeria ciliata* Rizz.

Dusen, vol. cit. — Goiás.

II — Fôlhas, pelo menos, não ciliadas:

+ — Caule todo ou apenas na parte superior, piloso (veja em estado adulto):

77 — *Geissomeria pubescens* Nees

Ibidem, pág. 82 — Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás, S. Paulo.

++ — Caule glabro (somente em estado adulto porque quando novo às vezes é pubérulo):

X — Espigas interrompidas (isto é, com as flôres opostas sendo cada par bem afastado do seguinte):

78 — *Geissomeria distans* Nees

Idem, pág. 83 — Rio de Janeiro, Espírito Santo.

XX — Espigas com as flôres muito aproximadas, imbricadas ou quase:

a — Corola glabra:

§ — Corola rubra:

£ — Pequena árvore (arbusto grande) com ramos quase quadrangulados, (achatados pela dessecção):

79 — *Geissomeria cestriifolia* Nees

Idem, pág. 81 — Bahia.

££ — Arbusto com ramos suculentos (murchos no herbário):

I — Fôlhas até 28 cm de comprimento ou as brácteas

do mesmo tamanho que o cálice:

80 — *Geissomeria macrophylla* Nees

Idem, pág. 80 —
Bahia, Espírito Santo.

II — Fôlhas além de 28 cm de comprimento ou as brácteas duas vezes menores do que o cálice:

81 — *Geissomeria nitida* (Nees et Mart.) Ness

Nees e Martius,
Nov. Act. Acad.
Nat. Cur., pág.
51.

Nees, Fl. Bras.,
pág. 51 — Bahia.

§§ — Corola luteo-estriada, o limbo com os segmentos vermelho-escuro:

82 — *Geissomeria tetragona* Lindau
Bull. Herb. Boiss., V (1),
1897, pág. 659 — Mato Grosso, Rio de Janeiro.

b — Corola velutina ou pubescente:

§ — Fôlhas, na face superior, moderadamente pilosas:

83 — *Geissomeria longiflora* Lindl.
Loc. cit. — Rio de Janeiro,
Minas Gerais.

§§ — Fôlhas glabras ou, mais raramente, escassamente pilosas na face superior:

! — Fôlhas com 21-32 cm X 6-11 cm. Filetes pilosos, sendo dois com o ápice muitíssimo viloso:

84 — *Geissomeria gigantea* Rizz.

Arq. J. Bot. R. Jan.,
IX, 1949, pg. 205 — Minas Gerais.

- * — Espigas terminais reunidas em corimbo, folhas com 27 cm X 5 cm:

Var. *corymbosa* Rizz.

Dusenía, III (3), 1952

— Espírito Santo.

- !! — Sem êsses caracteres reunidos:

- I — Brácteas densamente estrigiloso-vilosas, duas vezes menores do que o cálice. Segmentos calicinos todos iguais:

85 — *Geissomeria schottiana* Nees

Op. cit., pág. 82 —
Rio de Janeiro,
S. Paulo, Minas
Gerais.

- II — Brácteas escabras, pouco menores do que o cálice. Sépalos desiguais quanto à largura:

- X — Folhas tênues, quase membranáceas. Brácteas verdes, em seco esverdeadas ou amareladas. Inflorescência acima de 3 cm de comprimento, espigas secundárias corimbosas:

86 — *Geissomeria cincinnata*
Nees

Ibidem, pg. 81
— A mais comum. Rio de Janeiro, Pará, Espírito Santo, Minas Gerais, S. Paulo.

- * — Tôda a planta menor. Folhas com 10-15 cm

de comprimento, 4-6 cm de largura. Espigas com 6-10 cm de comprimento: Var. *redacta* Rizz. Ibidem — Minas.

XX — Fôlhas mais firmes. Brácteas escuras, nervosas, mais fortemente imbricadas. Inflorescência menor, trifida:

83 A — *Geissomeria longiflora* Lindl. var. *paniculata* Nees
Cfr. n.º 83 — Rio de Janeiro.

18 — STENOSTEPHANUS NEES

Fl. Bras., IX, 1847, pág. 91.

Uma espécie parcamente distribuída que tem sido colhida algumas vezes nestes últimos tempos. O segundo representante dêste típico gênero foi descrito por Lindau (Notizbl., VI, 1914, pág. 198) sob o binômio *St. Thyrsoides*, mas nunca o vi.

87 — *Stenostephanus lobeliiformis* Nees

Ibidem, pág. 92 — Est. do Rio, S. Paulo, Espírito Santo, sempre em localidades elevadas. Cfr. desenho em Rizzini: 40, tab. 6.

19 — PORPHYROCOMA HOOK.

Bot. Magaz., 1845, tab. 4.176.

Uma espécie só, não muito rara em Minas, e interessantíssima por seu pólen aculeado, fato que permite reconhecê-la imediatamente. Acha-se na "Flora" sob *Orthotactus Pohlianus* Nees.

88 — *Porphyrocoma pohliana* (Nees) Lindau

Nees, loc. cit., pág. 134.

Lindau, Pflanzenf., IV, 2 b, 1897, pág. 342. — Minas Gerais, principalmente. Est. do Rio, raríssima. A var. *angustifolia* Nees não se distingue efetivamente do tipo.

20 — ACELICA RIZZ.

Arq. J. Bot. R. Jan., IX, 1949, pág. 55.

Gênero destacado de *Justicia*, *sensu* Lindau, por não ser o pólen do tipo descrito por êsse autor; contém êle duas séries de nódulos de cada lado do poro e não uma só. Atualmente com três espécies bem caracterizadas.

A — Planta pilosa:

I — Bractéolas caducas, só evidentes no herbário, pelas cicatrizes:

89 — *Acelica holosericea* (Nees) Rizz.

Nees, op. cit., pág. 148.

Rizzini, nov. comb. — Rio de Janeiro.

II — Bractéolas persistentes:

90 — *Acelica cydoniifolia* (Nees) Rizz.

Nees, ibidem, tab. 25.

Rizzini, loc. cit., pág. 41 e 55 — Rio de Janeiro, não rara.

B — Planta glabra:

91 — *Acelica scandens* Rizz.

Dusenya, I (5), 1950, pág. 292 — Espírito Santo.

Na grande obra de Martius surge como *Adhatoda*, do qual outra foi também destacada em gênero aparte (*Poikilacanthus* Lindau).

21 — HETERASPIDIA RIZZ.

Arq. J. Bot. cit., pág. 56.

A espécie única foi, primitivamente, descrita por mim em *Beloperone* (cfr.: 39, pág. 25, tab. 10), onde cabia perfeitamente; posteriormente, em virtude da limitação imposta por Bremekamp (6, pág. 52) fui obrigado a separá-la em razão de suas enormes brácteas dimorfas, seguindo o exemplo do mesmo autor para *Beloperone guttata* Brandg. Posto isto, é gênero muito característico, pelo fato apontado, no grupo de grãos de pólen com três séries de nódulos de cada lado do poro (ex-grupo de *Jacobinia* segundo Lindau).

92 — *Heteraspidia scansilis* Rizz.

Ibidem. Desenho em (39), já citado acima — Amazonas.

22 — JACOBINIA MORIC.

Plant. Nouv. Amer., 1833, pág. 156.

Agora reduzido à espécie primeira, caracterizando-se bem pelas flôres solitárias (raramente duas por axila), cálice além de 2 cm, lóculo inferior da antera calcarado, brácteas pequenas e sementes lisas.

93 — *Jacobinia lepida* Moric.

Ibidem — Bahia, onde é planta rara.

23 — ORTHOTACTUS NEES

Fl. Bras., vol. cit., pág. 131.

Atualmente considero-o possuidor de três representantes bem definidos, abaixo relacionados. As seguintes espécies continuam em *Amphiscopia*, até posterior estudo dos grãos de pólen, que ainda não podemos examinar: *O. Felisbertianus* Nees, *O. glandulosus* Nees, *O. roseus* Nees e *O. venosus* Nees.

A — Râmulos e margem das brácteas densamente revestidas por indumento fulvo, bem como as partes mais novas e pedúnculo da inflorescência:

94 — *Orthotactus fulvohirsutus* Rizz.

Dusenla, I (5), 1950, pág. 201 — Espírito Santo.

B — O denso indumento fulvo ausente:

I — Espigas opostas. Lábio inferior da corola duas vezes maior do que na seguinte:

95 — *Orthotactus strobilaceus* Nees

Ibidem, pág. 133 — Pernambuco, Bahia. Belíssima planta para jardim.

II — Espigas alternas. Lábio inferior da corola duas vezes mais curto do que na anterior:

96 — *Orthotactus aequilabris* Nees

Idem, pág. 134 — Localidade de colheita não anotada.

24 — ODONTONEMA NEES

Linnaea, XVI, pág. 300.

Encontra-se na "Flora" como *Thyrsacanthus* Nees. São as seguintes as espécies bem conhecidas do Brasil:

A — Fôlhas sésseis, amplexicaules:

97 — *Odontonema amplexicaule* (Nees) Lindau

Nees, Fl. Bras., vol. cit., pág. 98.

Lindau, Pflanzenf., vol. cit., pág. 335 — Localidade não anotada pelo coletor.

B — Fôlhas pecioladas:

I — Flôres com estaminódios:

98 — *Odontonema barlerioides* (Nees) Lindau

Nees, ibidem, pág. 97, tab. 13.

Lindau, ibidem — Minas Gerais, Espírito Santo, Est. do Rio.

II — Flôres sem estaminódios:

a — Corola com 2,5 cm. de comprimento, tendo o limbo extremamente curto e lacinias mucronuladas:

99 — *Odontonema dissitiflorum* (Nees) Lindau

Nees, idem, pág. 98

Lindau, idem — Estado do Rio.

b — Corola com 1,8 cm de comprimento, bilabiada:

100 — *Odontonema ramosissimum* (Moric. ex Nees) Lindau

Idem, idem — Bahia.

c — Corola com 4-5 cm de comprimento. Fôlhas com 10 cm de largura:

101 — *Odontonema latifolium* Rizz.

Arq. J. Bot. R. Jan., IX, 1949, pág. 59 — Rio de Janeiro (Itatiaia).

25 — *STAUROGYNE* WALL.

Plant. Asiat. Rar., pág. 80, tab. 86.

Na "Flora", surge com a denominação de *Ebermaiera* Nees, hoje transformado em secção, aliás a única do gênero que temos.

A — Pequena planta rasteira com fôlhas sésseis até 2 cm de comprimento:

102 — *Staurogyne repens* (Nees) O. Ktze.

Nees, Fl. Bras., IX, 1847, pág. 20 — Amazonas, Goiás.

B — Vegetais estoloníferos (caule na base rastejante, emitindo vários outros). Fôlhas lanceoladas, até 1 cm de largura:

103 — *Staurogyne stolonifera* (Nees) O. Ktze.

Nees, ibidem, pág. 19 — Pará, Amazonas.

C — Plantas erectas com as fôlhas nitidamente pecioladas:

I — Flôres grandes, notáveis entre tôdas as do gênero, axilares, solitárias, ou terminais mais ou menos em espiga, com o cálice tendo cêrca de 3 cm de comprimento e a corola 4-4,5 cm:

104 — *Staurogyne macrantha* Lindau

Bull. Herb. Boiss., I, 1897, pág. 643 — Minas Gerais.

II — Flôres sem os caracteres acima enunciados:

a — Brácteas e corola vermelhas, freqüentemente estas obscuramente rubras:

105 — *Staurogyne itatiaiae* (Wawra) Leonard.

Wawra, Itin. Princ. S. Coburg., I, 1883, pág. 93, tab. 2.

Leonard, Journ. Wash. Acad. Sci., XXVII, 1937, pág. 402 — Est. do Rio, comuníssima no Itatiaia. Minas Gerais, muito rara.

b — Brácteas e corola não rubras. Aquelas quase sempre mais ou menos obscuramente amarelas ou esverdeadas, estas brancas ou, principalmente, amarelas:

§ — Corola branca até 1 cm de comprimento. Fôlhas, na página inferior, mais pálidas ou prateadas:

X — Flôres apertadamente agrupadas. Brácteas oval-oblongas:

106 — *Staurogyne floribunda* Rizz.

Inédita (o material foi devolvido ao dono e a diagnose feita sobre ele perdida).

XX — Flôres mais frouxamente dispostas. Brácteas espatuladas:

I — Fôlhas, na face superior, lisas:

107 — *Staurogyne mandioccana* (Nees) O. Ktze.

Loc. cit., pág. 16 — Extremamente comum. Rio de Janeiro, S. Catarina, Espírito Santo.

II — Fôlhas, na mesma face, cobertas por tubérculos visíveis sob lente:

108 — *Staurogyne riedeliana* (Nees) (Nees) O. Ktze.

Ibidem, pág. 18 — Est. do Rio. Espírito Santo. Pouco encontrada.

§§ — Corola mais longa e amarela:

I — Tôdas as partes do vegetal glanduloso-pilosas, as fôlhas oblongo-lanceoladas até 7 cm X 2 cm:

109 — *Staurogyne glutinosa* Lindau

Loc. cit., pág. 644 — Minas Gerais.

II — Plantas — com exceção às vêzes da inflorescência — desprovidas de pêlos glandulosos. Fôlhas maiores:

V — Fôlhas lanceoladas com 9 cm X 1,5 cm:

O — Caule moderadamente piloso:

110 — *Staurogyne hirsuta* (Nees)

O. Ktze.

Idem, pág. 18 — Minas Gerais.

OO — Caule glabro:

111 — *Staurogyne minarum*

(Nees) O. Ktze. var. *microphylla* Nees.

VV — Fôlhas agudas, oblongas ou ovais:

Z — Fôlhas perfeitamente ovais, vilosas nas duas faces bem como os ramos:

112 — *Staurogyne vauthieriana*

(Nees) O. Ktze.

Idem, pág. 15 M. Gerais.

ZZ — Fôlhas, em geral, oblongas:

1 — Fôlhas, na face superior, pulverulento-tomentosas; caule piloso:

113 — *Staurogyne elegans*

(Nees) O. Ktze.

Idem, pág. 17 — Minas Gerais.

2 — Fôlhas, na mesma face, lisas e nítidas, somente quando novas pouquíssimo pilosas:

114 — *Staurogyne minarum*

(Nees) O. Ktze.

Idem, — Minas Gerais.

3 — Folhas, em ambas as faces, pilosas; caule muito hirsuto ou esponjoso-tomentoso:

115 — *Staurogyne anigozanthus* (Nees) O. Ktze.

Idem, pág. 16 — Minas Gerais.

D — Plantas erectas, com fôlhas sésseis:

I — Fôlhas oblongo-lanceoladas com 20-30 mm X 5-6 mm; corola além de 1 cm de comprimento:

116 — *Staurogyne ericoides* Lindau

Engl. Bot. Jahrb., XXV, 1898, Beibl. 60, pág. 44 — Minas Gerais.

II — Fôlhas oval-oblongas; corola até 1 cm de comprimento:

117 — *Staurogyne veronicifolia* (Nees) O. Ktze.

Loc. cit., pág. 18 — Localidade natal não anotada.

OBS. — Tôdas as combinações de Otto Kuntze apareceram em seu livro "Revisio Generum Plantarum", que não conhecemos.

26 — DICLIPTERA JUSS.

Ann. Mus. Paris, IX, pág. 367.

Temos duas secções com poucas espécies.

A — Brácteas orbiculares, ovais ou oblongo-ovais, na base não cuneiformes:

1 — Secção *Platystegiae* Nees

Prodromus, XI, pág. 474.

I — Brácteas quase arredondadas, obtusas, no ápice apenas mucronadas:

118 — *Dicliptera ciliaris* Juss.

Ibidem, pág. 268 — Pernambuco, Bahia.

II — Brácteas oblongo-obovadas, no ápice cuspidadas, bem como as fôlhas:

119 — *Dicliptera mucronifolia* Nees

Fl. Bras., IX, 1847, pág. — 161 — Minas Gerais, Bahia, Piauí.

B — Brácteas, na base, mais ou menos cuneiformes,

2 — Secção *Sphenostegiae* Nees

Prodromus, vol. cit., pág. 479.

I — Fôlhas, em ambas as faces, pubescente-tomentosas:

120 — *Dicliptera sericea* Nees

Fl. Bras., vol. cit., pág. 161 — S. Paulo, Minas Gerais.

II — Fôlhas quase glabras ou, na página superior, hispíduas e na inferior levemente pubescentes:

a — Capítulos, no ápice dos ramos, apertadamente unidos em espiga compacta com 7-13 cm de comprimento:

121 — *Dicliptera squarrosa* Nees

Ibidem — Minas Gerais, Rio de Janeiro, Ceará.

b — Capítulos axilares ou terminais, no ápice dos ramos terminais, pouco aproximados, de modo a formar espiga frouxa de 5-6 cm de comprimento:

§ — Capítulos terminais poucos:

122 — *Dicliptera imminuta* Rizz.

Arq. J. Bot. R. Jan., VIII, 1948, pág. 348, tab. 7 fig. 1-4 — Santa Catarina.

§§ — Capítulos numerosos axilares e terminais:

123 — *Dicliptera pohliana* Nees

Idem, pág. 162, tab. 30 — Minas Gerais,
Santa Catarina.

27 — CYRTANTHERA NEES

Fl. Bras., IX, 1847, pág. 99.

Antes, fundido por Lindau com *Jacobinia*, que já disse apresentar flôres isoladas, com cálice entre os maiores e anteras calcaradas; ao contrário, *Cyrtanthera* tem flôres densamente agrupadas, cálice menor e anteras desarmadas, além das grandes brácteas que faltam naquele. Esse grupamento de caracteres é até pouco comum numa família tão natural como a de que estou tratando. Tudo indica ser mais próximo de *Orthotactus*, de que difere pelas inflorescências em tirso terminal e tecas paralelas com conectivo semilunar.

Em outro trabalho (45) restaurei a magnífica espécie de Wawra: *C. citrina*, da qual dá êle excelente tricromia; talvez a houvessem esquecido por não mais ter aparecido, mas recentemente foi achada duas vezes.

A — Ráquis da inflorescência densamente rufo-tomentoso. Corola amarela:

124 — *Cyrtanthera citrina* Wawra

Itin. Pric. S. Coburg., I, 1883, pág. 85, tab. 12 —
Minas Gerais, Est. do Rio (Itatiaia).

B — Ráquis da inflorescência sem o indumento apontado acima. Corola vermelha ou rósea:

X — Anteras com o lóculo inferior calcarado:

125 — *Cyrtanthera calcarata* Rizz.

Dusenja, III (3), 1952. — Rio de Janeiro, CFR. OBS.

XX — Anteras inermes:

§ — Fôlhas curtamente pecioladas e lanceoladas:

I — Fôlha inteiramente glabra:

126 — *Cyrtanthera chamissoniana* Nees

Ibidem, pág. 101 — Santa Catarina.

II — Fôlha, na página superior, esparsamente pilosa:

127 — *Cyrtanthera selloviana* Nees

Idem — Rio Grande do Sul, Estado do
Rio, S. Paulo.

§§ — Fôlhas longamente pecioladas, ovado-oblongas ou ovais:

I — Brácteas e bractéolas longamente ciliadas e acuminadas. Corola vermelha:

- 128 — *Cyrtanthera carnea* (Lindl.) Brem.
Lindley, Bot. Regist., XVII, tab. 1.397.
Bremekamp, Verh. Ned. Akad. v. Wet.,
Afd. Natuurk., Sect. 2, XLV (2), 19-8,
pág. 52 — Rio de Janeiro. Na "Flora"
sob: *Cyr. magnifica* Nees.

* — Brácteas espatuladas, fôlhas menores:

Var. *minor* Nees

Ibidem — Rio de Janeiro, S. Paulo.

II — Brácteas e bractéolas agudas e com as margens
escabras. Corola rósea:

- 129 — *Cyrtanthera Pohliana* Nees

Idem, pág. 101 — Rio de Janeiro, Paraná.
Comum, inclusive nos jardins.

OBS. — Trata-se de forma de transição, diferindo das espécies genuínas, apenasmente, pelas anteras calcaradas. Só me resta deixá-la no gênero *Cyrtanthera*, ainda que êsse caráter nunca devesse ser pôsto de lado.

28 — NELSONIA R. BR.

Uma só espécie pouco comum, muito característica. Na "Flora" há um confuso sinônimo.

- 130 — *Nelsonia brunelloides* (Lam.) O. Ktze.

Rev. Gen. Plant., obra que desconheço (cfr. Pflanzenf.,
IV, 3 b, pág. 289, fig. 114) — Goiás, Minas Gerais.

29 — CHAETOTHYLAX NEES

Fl. Bras., IX, 1847, pág. 153.

A — Teca inferior da antera transformada em esporão. Espigas sem vilosidade:

- 131 — *Chaetothylax tocaninus* Nees

Ibidem — Minas Gerais, Goiás.

B — Teca inferior da antera normal, calcarada. Espigas vilosas:

- 132 — *Chaetothylax vestitus* Rizz.

Ibidem — Paraná.

30 — PUPILLA RIZZ.

Arq. J. Bot. R. Jan., IX, 1949, pág. 56.

As três espécies abaixo relacionadas fazem parte, na "Flora", do grupo *Campylostegium*, do gênero *Leptostachya* Nees, que, em sua nova delimitação (cfr. 6 e 41), não mais ocorre no Brasil.

A — Fôlhas dimorfas (as maiores oblongas e as menores, opostas àquelas, orbiculares) :

133 — *Pupilla heterophylla* (Nees) Rizz.

Nees, loc. cit., pág. 150.

Rizzini, ibidem, pág. 57, tab. 2 — Est. do Rio, Espírito Santo.

B — Fôlhas uniformes, ainda que podendo ser um tanto desiguais:

I — Fôlhas com dimensões desiguais (umas duas vezes menores do que outras, por exemplo) . Espigas sésseis:

134 — *Pupilla lucida* (Nees) Rizz.

Nees, ibidem, pág. 149

Rizzini, ibidem — Est. do Rio.

II — Fôlhas mais ou menos iguais (sem a discrepância assinalada acima) . Espigas pedunculadas:

135 — *Pupilla poeppigiana* (Nees) Rizz.

Nees, idem, pág. 150.

Rizzini, idem, pág. 58 — Amazonas.

31 — PSACADOCALYMMA BREM.

Verh. Ned. Akad. v. Wet., Afd. Natuurk., Sect. 2, XLV,
2, 1948, pág. 54.

Engloba as espécies do grupo *Pectoraria*, do gênero *leptostachya* Nees, que já disse ser agora ausente em nossa terra, e mais uma, do antigo *Rhytiglossa* Nees.

A — Corola com cerca de 3-4 mm de comprimento:

I — Peciolo com 2-3 cm de comprimento (corola na base gibosa) :

136 — *Psacadocalymma antirrhinum* (Nees) Brem.

Nees, Fl. Bras. cit., pág. 150-151.

Bremekamp, ibidem — Bahia.

II — Peciolo mais curto (corola sem giba) :

137 — *Psacadocalymma comatum* (Lin.) Brem.

Cfr. Bremekamp, loc. cit. — Bahia, Mato Grosso,
Rio Grande do Sul.

B — Corola perto de 8-10 mm, quanto ao comprimento:

I — Fôlhas até 8 cm quanto à largura e além de 15 cm de comprimento:

138 — *Psacadocalymma latifolium* Rizz.

Dusenja, III (3), 1952. — Espírito Santo.

II — Fôlhas muito mais estreitas e curtas:

§ — Fôlhas prolongadas em cúspide falcada, muito longa:

139 — *Psacadocalymma falcatum* Rizz.

Ibidem — Espírito Santo.

* — Fôlhas quase duas vêzes mais estreitas. Espigas do mesmo modo mais curtas:

Var. *stenophyllum* Rizz.

Idem — Ibidem.

§§ — Fôlhas não falcadas:

140 — *Psacadocalymma pectorale* (Jacq.) Brem.

Cfr. Bremekamp, op. cit. — Minas Gerais.

32 — THALESTRIS RIZZ.

Dusenja, vol. cit.

141 — *Thalestris graminiformis* Rizz.

Ibidem — Minas Gerais e Paraná.

33 — SERICOGRAPHIS NEES

Fl. Bras., vol. cit., pág. 107. ..

Trata-se de gênero perfeitamente natural e reconhecível, rapidamente, devido à presença de três máculas brilhantes de pêlos seríceos, internamente, na base do tubo da corola.

A — Espigas com poucas flôres e menores do que as fôlhas:

I — Máculas perto da base do tubo da corola, uma grande central e duas menores laterais (fôlhas desiguais):

142 — *Sericographis pauciflora* Nees

Ibidem, pág. 110 — Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina.

II — As máculas, tôdas três, do mesmo tamanho:

a — Caule subescandente, às vêzes erecto, purpúreo, com os nós comprimidos:

143 — *Sericographis scandens* Nees

Idem, pág. 109 — Rio de Janeiro.

b — Caule perfeitamente erecto, não purpúreo, com os nós arredondados:

§ — Fôlhas estreitamente lanceoladas, longamente acuminadas:

144 — *Sericographis clausseniana* Nees

Idem, pág. 111 — Est. do Rio de Janeiro

§§ — Fôlhas ovais ou ovado-oblongas, no ápice apenas agudas:

Z — Espigas largamente bracteadas, as brácteas mais ou menos espatuladas (lembra uma *Cyrtanthera*, não fôra as máculas seríceas):

- 145 — *Sericographis cyrtantheriformis* Rizz.
Arq. J. Bot. R. Jan., IX, 1949, pág.
61, tab. 3 — Est. do Rio (Itatiaia).
* — Fôlhas, na página superior, pouco pilosas, ciliadas:
Var. *vestita* Rizz.
Dusenía, vol. cit. — S. Paulo (Bocaina).
* — Em tôdas as suas partes mais robustas do que o tipo (p. ex., espigas até 10 cm e fôlhas até 19 cm X 7 cm.):
Var. *robustior* Rizz.
Ibidem — No mesmo local.
ZZ — Espigas com pequenas brácteas lanceoladas:
I — Caule glabro:
146 — *Sericographis parabolica* Nees
Loc. cit., pág. 111 — S. Paulo.
II — Caule piloso:
V — Lóculo inferior das anteras calcarado (grãos de pólen, embora típicos, com nódulos múltiplos):
147 — *Sericographis macedoana* Rizz.
Arq. J. Bot. R. Jan.,
VIII, 1948, pág. 357, tab.
7 fig. 1-6 — Minas Gerais.
* — Caule curtamente piloso; fôlhas maiores (até 8 cm X 3 cm), quase glabras; pecíolo, em geral, com 1 cm de comprimento:
Var. *elegans* Rizz.
Dusenía, III (3), 1952. — Minas.
VV — Loja inferior das anteras desar-mada. Grãos de pólen com nódulos simples:
X — Fôlhas cordiformes (corola com 4 cm de comprimento):
148 — *Sericographis cordifolia* Rizz.
Ibidem — Paraná.
XX — Fôlhas com a base íntegra (corola com cêrca de 2,5 cm de comprimento):

O — Fôlhas ovais ou, a partir da base, arredondadas, atenuadas em direção ao ápice, glabras ou mais ou menos pilosas:

149 — *Sericographis monticola*

Nees

Loc. cit., pág.

112 — Minas

Gerais, Est.

Rio.

OO — Fôlhas ovado-oblongas ou com a base mais estreita, estreitadas em direção do ápice, hirsutas:

150 — *Sericographis hirsuta* Nees

Idem — Minas

Gerais.

B — Espigas com muitas flôres e maiores do que as fôlhas (raramente do mesmo tamanho):

I — Fôlhas sésseis:

151 — *Sericographis rigida* Nees

Ibidem, pág. 108, tab. 16 — S. Paulo, Minas Gerais. Extremamente xerófila, vive principalmente nos cerrados.

* — Caule e fôlhas em tôdas as partes hirsutos:

Var. *desertorum* Nees

Idem — Minas Gerais.

II — Fôlhas nitidamente pecioladas:

a — Ramos, especialmente os últimos, e a ráquis da inflorescência percorridos por linha pilosa:

1952 — *Sericographis glaziovii* (Hiern) Rizz.

Hiern, Kjoeb. Vidensk. meddel., 28, 1877-8, pág. 85.

Rizz., n. comb. — Est. do Rio, Minas Gearis.

b — Tôda a planta pilosa:

153 — *Sericographis selloviana* Nees.

Sin.: *S. maxima* Rizz., Arq. J. Bot. R. Jan., 8, 1948, pág. 358.

Arq. J. Bot. R. Jan., VIII, 1948, pg. 358 — Est. do Rio.

c — Plantas inteiramente glabras ou densamente riscadas por cistólitos retos:

§ — Fôlhas oblongas. Espigas ramificadas:

154 — *Sericographis polita* Nees

Op. cit., pág. 109 — Est. do Rio.

* — Inflorescência ampla, superando de longe as fôlhas. Corola além de 3 cm de comprimento depois da antese:

Var. *pulchra* Nees

Idem — No mesmo local.

* — Inflorescência pequena, do mesmo tamanho que as fôlhas, ou pouco maior. Corola aquém de 3 cm:

Var. *umbrosa* Nees.

Idem — Mesmo local.

§§ — Fôlhas oval-lanceoladas. Espigas simples:

155 — *Sericographis lineolata* Rizz.

Arq. J. Bot. R. Jan., IX, 1949, pág. 60, tab. 3 fig. 1 — Espírito Santo.

Apêndice

As duas espécies seguintes, segundo Nees, apresentam máculas seríceas inconspícuas:

I — Fôlhas ovais atenuadas no ápice, que é um tanto obtuso:

156 — *Sericographis cordata* Nees

Loc. cit., pág. 108 — Amazonas.

II — Fôlhas ovado-oblongas, longamente acuminadas no ápice:

157 — *Sericographis acuminata* Nees

Ibidem, pág. 109 — Amazonas.

34 — POIKILACANTHUS LINDAU

Pflanzenf., vol. cit., pág. 342.

A — Fôlhas em tôrno de 2 cm X 7 mm. Grãos de pólen com 75-85 micra de comprimento:

158 — *Poikilacanthus humilis* Lindau

Bull. Herb. Boiss., III, 1895, pág. 480 — S. Paulo.

B — Fôlhas muito maiores. Grãos de pólen bem menores:

159 — *Poikilacanthus flexuosus* (Nees) Lindau

Nees, Fl. Bras., IX, 1847, pág. 148.

Lindau, Pflanzenf., pág. 342 — Paraná, onde não é muito rara. Rio Grande do Sul. S. Paulo, Minas Gerais. Flôres esbranquiçadas.

35 — MORSACANTHUS RIZZ.

Rev. Brasil. Biol., XII (4), 1952.

160 — *Morsacanthus nemoralis* Rizz.

Ibidem. — Paraná.

36 — DUVERNOIA E. MEY.

Gênero até pouco tempo considerado gerontógeo, exclusivamente. Temos, contudo, duas bem enquadradas espécies.

A — Cálice com cerca de 3 mm de comprimento. Lóculo inferior das anteras calcarado:

161 — *Duvernoia americana* Lindau

Bull. Herb. Boiss., IV, 1904, pág. 405 — Amazonas.

B — Cálice duas vezes mais longo. Anteras completamente inermes:

162 — *Duvernoia paranaensis* Rizz.

Dusenía, III (3), 1952. — Paraná.

37 — CHAETOCHLAMYS LINDAU

Pflanzenf. Nachtr.

A — Brácteas com 16 mm X 2 mm. Corola com cerca de 3,5 cm de comprimento:

163 — *Chaetochlamys ciliata* Lindau

Ibidem, V, 1897, pág. 677 — Pará.

B — Brácteas com 7-8 mm X 2-3 mm, rígidas. Corola com 7 mm de comprimento:

164 — *Chaetochlamys callichlamys* Rizz.

Op. cit., — Minas Gerais.

Gêneros monotípicos dúbios são os dois seguintes (devido à falta de conhecimento do pólen):

38 — STACHYACANTHUS NEES

Fl. Bras., vol. cit., pág. 65.

165 — *Stachyacanthus riedelianus* Nees

Ibidem, pág. 66.

39 — SEBASTIANO-SCHAUERIA NEES

Idem, pág. 158.

166 — *Sebastiano-Schaueria oblongata* Nees

Idem, pág. 159.

40 — SAGLORITHYS RIZZ.

Arq. do J. Bot. R. Jan., IX, 1949, pág. 54.

As espécies de *Rhytiglossa* Nees, descritas na "Flora Brasiliensis", só podem passar para este gênero mediante o exame do cálice, que deverá ser quadripartido regular. Assim, só consideramos as seguintes, nas quais tal exigência já foi cumprida.

A — Fôlhas lineares (com cerca de 1-3 mm de largura):

I — Caule hirsuto:

167 — *Saglorithys linearis* (Nees) Rizz.

Nees, Fl. Bras., IX, 1847, pág. 125.

Rizzini, ibidem, pág. 64, tab. 1 — Mato Grosso, Minas Gerais.

II — Caule glabro:

168 — *Saglorithys lavandulifolia* (Nees) Rizz.

Nees, ibidem, pág. 124 (como *Rhytiglossa lavandulaefolia*).

Rizzini, nov. comb. — Goiás.

B — Fôlhas não lineares (mais largas):

I — Planta glaberrima:

169 — *Saglorithys laeta* (Nees) Rizz.

Nees, idem, pág. 126.

Rizzini, idem — Rio de Janeiro.

II — Plantas, em alguns de seus órgãos ou em todos, providas de pêlos:

§ — Fôlhas glabras:

170 — *Saglorithys dasyclados* (Nees) Rizz.

Nees, loc. cit., pág. 126.

Rizzini, op. cit., pág. 64 — Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro.

§§ — Fôlhas mais ou menos pilosas (às vezes só na nervura central):

X — Fôlhas agudíssimas, não raro falcadas:

171 — *Saglorithys othonis* Rizz.

Dusenía, III (3), 1952 — Minas.

XX — Fôlhas agudas, não falcadas:

a — Caule difuso lenhoso com os nós bem engrossados. Fôlhas lanceoladas até 2 cm de largura:

172 — *Saglorithys distorta* (Nees) Rizz.

Nees, ibidem, pág. 125.

Rizzini, ibidem — Est. do Rio.

b — Caule decumbente herbáceo com os nós pouco ampliados. Fôlhas ovais, com mais de 2 cm de largura:

173 — *Saglorithys menthoides* (Nees) Rizz.

Nees, idem, pág. 122.

Rizzini, Dusenía, II (3), 1950, pág. 185. — Mato Grosso, Paraná.

Tôdas as espécies do antigo *Rhytiglossa*, possuidoras de cálice quadripartido, regular, deverão passar a êste que acabamos de tratar; provavelmente, também, as que têm êsse órgão com quatro segmentos iguais e mais um menor, isto é, com cinco sépalos desiguais.

LITERATURA

- 1 — BAILLON, H. — Histoire des Plantes, X, 1891, Paris.
- 2 — BENTHAM, G. e HOOKER, J. D. — Genera Plantarum, II, 1873, Londres.
- 3 — BREMEKAMP, C. E. B. — Notes on the Acanthaceae of Surinam — Meded. Bot. Mus., XXXV (47), 1938, Utrecht.
- 4 — O mesmo — L'identité du *Jacobinia suberecta* André et la delimitation des Diclipterinae Lindau — Boissiera, VII (3), 1943, Genebra.
- 5 — O mesmo — Acanthaceae in Pulle, A. — Flora of Surinam (reprint), IV (2), Amsterdam, 1938.
- 6 — O mesmo — Notes on the Acanthaceae of Java — Verhand. Ned. Akad. v. Wet., Afd. Natuurk., Sect. 2, XLV (2), Amsterdam, 1948.
- 7 — CASTELLANOS, A. e PEREZ-MOREAU, R. A. — Contribución a la bibliografía Botánica argentina — Lilloa, VII, Tucumán, 1941.
- 8 — Os mesmos — a mesma no tomo VI.
- 9 — DALLA TORRE, C. G. e HARMS, H. — Genera Siphonogamarum, Leipzig, 1900-1907.
- 10 — DUSÉN, P. — Sur la flore de la Serra do Itatiaya au Brésil — Arq. Mus. Nac., XIII, Rio de Janeiro.
- 11 — ENDLICHER, S. — Genera Plantarum, Viena, 1836-1840.
- 12 — ENGLER, A. e PRANTL, K. — Die natürlichen Pflanzenf., Nachtr. I, II, III, IV, Leipzig, 1897 e adiante.
- 13 — ENGLER, A. e DIELS, L. — Syllabus der Pflanzenf., Berlim, 1936.
- 14 — ERDTMANN, G. — An Introduction to Pollen Analysis, U.S.A., 1943.
- 15 — HOBEIN, M. — Ueber den systematischen Werth der Cystolithen bei den Acanthaceen — Engl. Bot. Jahrb., V, Leipzig, 1884.
- 16 — HUMBOLDT, A., BONPLAND, A. e KUNTH, C. S. — Nova Genera et Species Plantarum, II, Paris, 1817.
- 17 — LEMÉE, A. — Dictionnaire descriptive et synonymique des genres des Plantes Phanerogamiques, Brest, 1930.
- 18 — LILLO, M. — Catálogo de las Acantáceas Argentinas — Lilloa, I, Tucumán, 1937.
- 19 — LINDAU, G. — Uebersicht ueber die bisher bekannten Arten der Gattung *Thunbergia* L. f. — Engl. Bot. Jahrb., XVIII, Leipzig, 1893.
- 20 — O mesmo — Beitrag zur Systematik der Acanthaceen — ibidem, XVIII, 1894.
- 21 — O mesmo — Acanthaceae in Engler, A. e Prantl, K. — Die natuerlichen Pflanzenf., IV, 3 b, Leipzig, 1895.

- 22 — O mesmo — *Acanthaceae Americanae* — Bull. Herb. Boiss., III (8), Suíça, 1895.
- 23 — O mesmo — *Acanthaceae Americanae et Asiaticae* — ibidem, V (1), 1897.
- 24 — O mesmo — *Acanthaceae in Urban, I.* — *Plantae novae Americanae imprimis Glaziovianae. II* — Eng. Bot. Jahrb., XXV, Beibl. 60, Leipzig. 1898.
- 25 — O mesmo — *Acanthaceae in Pilger, R.* — *Beitrag zur Flora von Matto Grosso* — ibidem, XXX, 1902.
- 26 — O mesmo — *Acanthaceae novae* — Bull. Herb. Boiss., 2 sér., IV, 1904.
- 27 — O mesmo — *Acanthaceae Americanae. III* — ibidem, 2 sér., IV (1), 1904.
- 28 — O mesmo — *Acanthaceae Americanae. IV* — ibidem.
- 29 — *ACANTHACEAE in PILGER, R.* — *Plantae Uleanae novae vel minus cognitae* — Notizbl. Bot. Gart. Berl., LVI (6), Berlim, 1914.
- 30 — MARTIUS C. F. P. — *Nova Genera et Species Plantarum Brasiliensium, III*, Munique, 1829.
- 31 — METCALFE, C. R. e CHALK, L. — *Anatomy of the Dicotyledons, II*, Londres, 1950.
- 32 — MILDBRAED, J. — *Plantae Tessmanianae novae. III* — Notizbl. Bot. Gart. Berl., IX (89), Berlim, 1926.
- 33 — O mesmo — *Acanthaceae novae* — ibidem, XI (101), Berlim, 1930.
- 34 — MORICAND, S. — *Plantes nouvelles D'Amérique, França*, 1833.
- 35 — NEES, C. G. — *Acanthaceae in Martius, C. F. P.* — *Flora Brasiliensis, IX*, 1847.
- 36 — O mesmo — *Acanthaceae in De Candolle, A.* — *Prodromus Systematis Naturalis Regni Vegetabilis, XI*, Paris, 1847.
- 37 — POHL, J. E. — *Plant Brasiliae, II*, Viena, 1831.
- 38 — RIZZINI, C. T. — *Aliquit novi Acanthacearum* — Rev. Brasil. Biol., VI (4), Rio de Janeiro, 1946.
- 39 — O mesmo — *Disquisitiones in Acanthaceis* — Bol. Mus. Nac., Nov. Ser., Bot., n. 8, Rio de Janeiro, 1947.
- 40 — O mesmo — *Disquisitio circa Acanthacearum aliquot genera Brasiliensia* — Arq. J. Bot. R. Jan., VIII, 1948.
- 41 — O mesmo — *Contribuição ao conhecimento da tribo Justiceae (Acanthaceae)* — ibidem, IX, 1949.
- 42 — O mesmo — *Acanthaceae Minarum Generallium imprimis Mello-Barretianae* — ibidem.
- 43 — O mesmo — *De plantis Brasiliensibus nonnullis* — Dusenía, I (5), Curitiba, 1950.
- 44 — O mesmo — *Métodos para exame do grão de pólen* — Brasil-Médico, ano LX (40-41), Rio de Janeiro, 1946.
- 45 — O mesmo — *Sinopse parcial das Acanthaceae Brasileiras* — Dusenía, II (3), Curitiba, 1950.

- 46 — O mesmo — *Delectus Acanthacearum Brasiliensium* — ibidem, III (3), 1952.
- 47 — O mesmo — *Genus novum Acanthacearum Brasiliae* — *Rev. Brasil. Biol.*, XII (4), 1952.
- 48 — SOLEREDER, H. — *Systematic Anatomy of the Dicotyledons*, I, trad. ingl., 1908.
- 49 — STEYERMARK, J. A. — *Studies of the American Flora I* — *Publ. Field Mus. Nat. Hist., Bot. Ser.*, XVII (5), Chicago, 1939.
- 50 — TURRILL, W. B. — A revision of the genus *Mendoncia* — *Bull. Misc. Inform.*, n. 9, Kew, 1919.
- 51 — VANDELLI, D. — *Florae Lusitanicae et Brasiliensis Species*, Portugal, 1788.
- 52 — VELLOZO, F. — *Flora Fluminensis*, V-VI, Paris, 1827.
- 53 — WAWRA, E. R. — *Itin. Princ. S. Coburgi*, I, Viena, 1883.
- 54 — WETTSTEIN, R. — *Tratado de Botânica Sistemática*, trad. 4.^a, ed. alem., Argentina, 1944.
- 55 — WODEHOUSE, R. P. — *Pollen Grains*, 1.^a ed., N. York, 1935.



Rizzini, Carlos Toledo. 1954. "SÔBRE 40 GÊNEROS DAS ACANTHACEAE BRASILEIRAS." *Rodriguésia: Revista do Jardim Botânico do Rio de Janeiro* 16/17, 9–54.

View This Item Online: <https://www.biodiversitylibrary.org/item/205948>

Permalink: <https://www.biodiversitylibrary.org/partpdf/178735>

Holding Institution

BHL SciELO

Copyright & Reuse

Copyright Status: In copyright. Digitized with the permission of the rights holder.

License: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

Rights: <https://biodiversitylibrary.org/permissions>

This document was created from content at the **Biodiversity Heritage Library**, the world's largest open access digital library for biodiversity literature and archives. Visit BHL at <https://www.biodiversitylibrary.org>.